# REFLEXÃO SOBRE UMA PRIMEIRA PRÁTICA DOCENTE: A TEMÁTICA RACISMO PARA O ENSINO BÁSICO

**Mônica Carolina Ferreira Alves** [1]

**Valesca Brasil Irala** [2]

**Resumo:**

Este trabalho tem o intuito de refletir, sob um ponto de vista teórico, a primeira experiência de uma estagiária como professora de Língua Espanhola em contexto de estágio supervisionado no Curso de Letras- Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e suas Respectivas Literaturas, da Universidade Federal do Pampa, campus Bagé. Nas aulas ministradas, foi abordado o tema transversal racismo. Os áudios das aulas do estágio em Língua Espanhola em contexto de estágio supervisionado no Curso de Letras-Línguas Adicionais foram transcritos para serem analisados e relacionados com leituras teóricas para a reflexão. Dorcas Adedoja, uma estudante americana negra que participou de um curso em Atlanta, Georgia, com a temática racismo e que, posteriormente, escreveu juntamente com sua professora o artigo "Os desafios do ensino sobre o movimento Black Lives Matter: um diálogo", enfatiza que cursos voltados estritamente para o racismo podem gerar muito sofrimento para pessoas negras, pois as aulas podem parecer infinitas para os mesmos e que, sem a orientação devida, alunos negros podem reviver e viver traumas, somente sendo afetados. Sobre isso já é possível adiantar que em uma determinada aula do estágio, percebe-se que uma aluna relatou, a pedido da professora, um episódio de racismo que sofreu na escola, que foi bem traumático para a mesma - todos a escutaram, mas nada foi feito ou dito sobre. Diante disso, outras falas serão analisadas, com a finalidade de se ter uma melhora no ensino do tema transversal racismo em sala de aula.

**Palavras-chave:** Ensino - Temática Racismo- Reflexão - Análise

**Modalidade de Participação:** Iniciação Científica

**REFLEXÃO SOBRE UMA PRIMEIRA PRÁTICA DOCENTE: A TEMÁTICA RACISMO PARA O ENSINO BÁSICO**

[1] Aluno de graduação. moniiica820@gmail.com. Autor principal

[2] Docente. valescairala@unipampa.edu.br. Orientador

# REFLEXÃO SOBRE UMA PRIMEIRA PRÁTICA DOCENTE: A TEMÁTICA RACISMO PARA O ENSINO BÁSICO

## 1 INTRODUÇÃO

Sou uma mulher negra e, posso recordar-me com nitidez todo o preconceito racial que sofri ao longo de minha vida. Sou do interior do estado de São Paulo, Artur Nogueira uma cidade pequena, e a vejo como conservadora e extremamente preconceituosa. Quando criança, minha família, apesar de ser miscigenada, esbanjava preconceito - não aquele velado, quase não notável ou imperceptível-, mas aquele em que minha avó dizia "Tinha que ser preto pra fazer esse trabalho horrível" ou "Deus ajude que essa criança não nasça preta". Minha prima, alguns anos mais nova que eu, inocentemente, também costumava dizer que eu seria mais bonita se fosse branca. Não que essas palavras relatadas anteriormente não me marquem até hoje, mas o racismo que sofria na escola, apesar de, quase sempre, velado, era cruel, para não dizer devastador. Nesse sentido, encontro respaldo na seguinte citação:

> As classes dominantes podem não ter total consciência de suas atitudes de dominação, e ter uma consciência compatível com ideias antirracistas. Asseguram, assim, um racismo camuflado, invisível, despersonalizado, ao passo que tiram vantagem dele. As causas do racismo são camufladas, mas seus efeitos são concretos. (CARVALHO; SILVA, 2014, p.21)

Devido ao escrito anteriormente e também às atuais discussões constantes sobre a temática racismo, em meu primeiro estágio supervisionado, de Língua Espanhola em contexto escolar, no Curso de Letras- Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e suas Respectivas Literaturas, da Universidade Federal do Pampa, campus Bagé, abordei, indo além da questão linguística, o tema transversal "racismo". Utilizei a posição de professora para a conscientização de todos e empoderamento dos alunos negros que faziam parte daquela sala de aula em que atuei. Um ano depois, empreguei a bolsa da Fapergs, com a doutoranda Valesca Ilara Brasil, como orientadora, para analisar e refletir esta minha primeira prática docente e poder, desse modo, observar se tive, de fato, êxito nessas aulas e também para repensar em como uma aula com essa temática, tão sensível, pode ser melhor ministrada.

## 2 METODOLOGIA

As aulas foram ministradas para estudantes entre 13 e 16 anos, alunos da sexta-série de uma escola municipal localizada em uma região periférica da cidade de Bagé. Os dados à serem analisados são transcrições de cinco áudios gravados das aulas ministradas pela estagiária e cinco transcrições de vídeos-diários gravados, no período em que o estágio foi executado - primeiro semestre de 2017, sobre os quais a estagiária reflete e faz considerações sobre essas aulas ministradas, utilizando-se de respaldo teórico para suas reflexões.

## 3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

A professora Donna Troka lecionou na Universidade de Emory, Atlanta, Georgia, um curso interdisciplinar intitulado "Resisting Racism: From Black is Beautiful to Black Lives Matter"[1]. Após o curso ter terminado, ela publicou o artigo "The Challenges of Teaching

[1] "Resistindo ao racismo: O preto é bonito para o "Black Lives Matter". É importante salientar que o *Black Lives Matter* (A Vida dos Negros Importam) é um Movimento negro dos EUA, que faz companhas contra a violência

about the Black Lives Matter Movement: A Dialogue"[2], juntamente com uma das alunas do curso, Dorcas Adedoja, sobre a experiência vivida. A professora conta como se sentiu como mulher branca no primeiro dia de aula:

> Neste semestre, incorporei uma discussão mais explícita sobre minha personalidade como uma mulher branca ensinando uma aula sobre como resistir ao racismo em minha primeira apresentação de classe. Eu falei sobre o quão desesperada e impotente eu me sentia enquanto assistia policiais (geralmente brancos) atacarem e matarem homens, mulheres e crianças negras em cidades dos Estados Unidos e não serem responsabilizados. Ao mesmo tempo, senti-me inspirada e esperançosa ao ver (principalmente) jovens negros (e algumas pessoas brancas) se levantarem contra a violência nas ruas, no campus de Emory e nas redes sociais e não recuarem. Expliquei aos meus alunos que acredito que uma estratégia para trabalhar no desmantelamento da desigualdade é com pessoas poderosas e pessoas sem poder trabalharem juntas em relação a diferença. (TROKA, 2016, p.49)

Ela também acrescenta que:

> Por exemplo, pessoas brancas devem trabalhar em conjunto com pessoas negras para erradicar o racismo e a supremacia branca, os homens devem lutar ao lado das mulheres para eliminar o patriarcado, e as pessoas heterossexuais precisam se juntar ao povo LGBT para erradicar a homofobia e a transfobia. (TROKA, 2016, p. 49)

Quando comecei dar minhas aulas sobre racismo, pesquisei muito sobre o que estava se passando no Brasil com a população negra; sempre percebi o racismo, mas nunca havia, de fato, buscado por estatísticas e episódios públicos de racismo. Assim como essa professora, estava me sentindo totalmente desolada sobre a situação, creio que mais ainda por ser negra e lembrar que algumas dessas cenas ocorrem comigo. Em contrapartida, não senti-me esperançosa: apesar de haver diversos movimentos contra o racismo, parece-me que as pessoas negras estão se separando cada vez mais por terem pensamentos contrários em como se lutar contra o racismo. Também me senti sem esperança sobre a empatia de pessoas brancas com a causa negra, pois é extremamente visível que grande parte despreza a luta negra, chegando a ser motivo de piada para eles, sobretudo em redes sociais. O mesmo ocorre com homens em relação ao feminismo. Apesar de que no presente momento as pessoas falem mais sobre o racismo e há essa discussão na faculdade, também me parece que essa discussão é, por algum motivo, banalizada.

Em determinado ponto do artigo, a aluna, Dorcas, faz alguns comentários sobre o ensino do racismo em sala de aula. Em um deles a estudante negra diz seu ponto de vista de como uma aula sobre o racismo deve ser concebida para que os estudantes negros se sintam confortáveis:

> A chave para garantir que todos os alunos se beneficiem de um curso sobre racismo e privilégio branco é um professor que faz o melhor possível para eliminar as desvantagens comuns dos atuais alunos marginalizados. Isso requer ouvir as experiências dos alunos, a fim de garantir que as situações que causaram desconforto no passado não se repetem. (ADEDOJA, 2016, p.54)

Escutar a experiência dos alunos é algo importante, porém é preciso dizer que quando se trata de crianças, esse processo não é tão simples; primeiro porque não é fácil para um ser em formação identificar o racismo que ainda sofreu, segundo porque dizer em frente aos

---

direcionada a pessoas negras. O movimento faz protestos relacionados a brutalidade policial contra negros (incluindo a morte dos mesmos causada por policiais), discriminação e desigualdade racial Estados Unidos.

[2] "Os desafios do ensino sobre o movimento Black Lives Matter: um diálogo"

colegas brancos não é fácil e terceiro porque entre crianças, como sempre estão fazendo brincadeiras entre si, é difícil para eles, tanto negros quanto brancos, identificar o que pode ser o racismo existente. Em uma das minhas aulas, quando um aluno apontou o racismo que sofria, o justificou dizendo que era uma brincadeira como as outras que ele e seus amigos faziam.

A aluna também acentua que:

> Embora a resiliência negra em face da violência racista seja uma coisa linda, é importante lembrar que a extrema brutalidade ocorreu antes dela. Os negros são oprimidos pelo monstro do racismo e por todos os que o perpetuam ativa ou inativamente a cada minuto de cada dia. Assim, contando histórias do passado sem se preocupar em pensar em soluções para aqueles no presente é outra forma de mercantilização do corpo negro, o trauma negro não é comercial ou algo para ser usado por pessoas brancas como um trampolim para as escolas de pós-graduação dos seus sonhos, porque eles se importavam o suficiente para lançar uma iniciativa. O trauma é real e os negros precisam ser humanizados e liberados o mais rápido possível. (ADEDOJA, 2016, p.55)

Os negros sofrem consciente ou inconscientemente com o racismo desde muito cedo. Ensinar que o racismo existe, mostrar o lado trágico e triste é importante, mas mostrar soluções para que esse racismo acabe e para que o aluno tenha esperança que possa ser diferente um dia, mais importante ainda. Creio que falhei nesse ponto. Segue abaixo a transcrição de um momento da segunda aula que tivemos sobre racismo:

> Maria Eduarda: Me chamaram de um monte de coisa (.) de "macaca, vai branquear sua pele, porque sua pele não é boa", coisas assim.
> Profesora: ¿ Aquí na escuela?
> Maria Eduarda: Sí.
> Profesora: ¿Y cómo te ha sentido con eso?
> Maria Eduarda: Eu me senti/ (.) parecia que eu era a culpada.
> Profesora: ¿Por qué pensó que era culpada?
> Maria Eduarda: Não sei (3"), tenho esse sentimento quando acontece uma coisa dessas/mas depois eu percebi/daí minha mãe falou que a culpa não era minha, (4") mas eu não queria passar por isso.
> Profesora: ¿ Cuántos años tenía?
> Maria Eduarda: Eu tinha uns seis, sete anos…
> Duda: Acho que todos somos iguais, não importa a cor assim (.) e quando a gente sofre isso a gente sofre e sente muito.

Ou seja, determinada aluna expôs seu trauma como aluna negra e ao invés de me ater no assunto e conversar com a turma sobre possíveis soluções, apenas escutei, não propus nada para que ela se sentisse melhor expondo sua experiência para a turma e pior: deixei uma aluna branca interromper sua fala, desmerecendo, desse modo, o sofrimento seu sofrimento e deixando-o pendente. Apenas no final do estágio houve uma proposta de como reverter esse quadro - isso deveria ter ocorrido ao decorrer de todas as aulas. No final, como professora negra, reproduzi algo que alguns professores brancos universitários fizeram comigo: expus todo o sofrimento negro e deixei os alunos sentindo-se impotentes, pensando muito a respeito, mas sem saber o que fazer.

Portanto, para expor o mau do racismo, torna-se necessário expor como as pessoas negras vem suportando/lutando até hoje. Creio que no caso de professores negros, contar sua trajetória até ali, é um fator importante; contar como chegou até a sala de aula, contar suas

experiências com o racismo e mostrar que isso pode ser superado. Em verdade, só de se ser um professor negro já é algo a ser levado em conta para estudantes negros e brancos.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que apesar de existir leis para que essa temática seja trabalhada em sala de aula, isso raramente acontece. Em minha vida, não tive e não conheço pessoas que tiveram essa experiência em sala de aula e isso é inaceitável, visto que percebe-se a necessidade de se trabalhar essa questão tão discutida no mundo atual. Há a necessidade do assunto ser incorporado nas escolas, porém com muita responsabilidade e conhecimento do que se está passando como conteúdo. Como foi visto acima, falhei em meu primeiro método de ensino relacionado a isso, talvez por falta de leitura anterior à prática, talvez por crer que sou negra e leio muito sobre já é o bastante para passar este conteúdo para outro ser humano. Dito isso, creio que seja de extremo valor que não só esse tema seja valorizado em escolas públicas, mas também mais estudado e discutido na área de ensino. Há poucos trabalhos científicos no Brasil que envolve o ensino da temática racismo para escolas públicas, infelizmente, e espero que minhas análises sirvam para a construção/reconstrução de ideias para o ensino desse tema tão sensível e que seja estimulada a pesquisa e a prática nessa área.

## REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marília Pinto de; SILVA, Viviane Angélica. Ser Docente Negra na USP: Gênero e Raça na Trajetória da Professora Eunice Prudente. **P O I É S I S ? Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação** , Santa Catarina, v. 8, n. 13, p. 30-56, jun. 2014.

TROKA, Donna; ADEDOJA, Dorcas. The Challenges of Teaching About The Black Lives Matter Movement: A Dialogue. **Radical Teacher - A Socialist, Feminist, and Anti-Racist Journal on the Theory and Practice of Teaching** , Atlanta, p. 47-56, 2016.